

CARAMBAIA

Gloria Naylor

As mulheres da Brewster Place

Um romance em sete histórias

ilimitada

Tradução

CAMILA VON HOLDEFER

Posfácio

BIANCA SANTANA

11	Aurora
17	Mattie Michael
75	Etta Mae Johnson
101	Kiswana Browne
119	Lucielia Louise Turner
139	Cora Lee
165	As duas
219	A festa no bairro
237	Crepúsculo
	• • •
239	Posfácio, por Bianca Santana

Para
Marcia, que me presenteou com o sonho;
Lauren, que acreditou nele;
Rick, que o nutriu e modelou;
e para George,
quem mais alto aplaudiu no coração

O que acontece com um sonho adiado?

Será que seca
feito uva-passa crestada?
Ou inflama feito ferida –
E então nada?
Fede feito carne putrefata?
Ou fica e solidifica
Feito crosta de nata?

Talvez só ceda
feito carga opulenta.

Ou será que arrebenta?

Langston Hughes

Aurora

A Brewster Place era a filha bastarda de diversas reuniões clandestinas entre o vereador do sexto distrito e o diretor da Imobiliária Única. Este último precisava afastar o chefe de polícia do sexto distrito porque ele era honesto demais para aceitar propinas, então continuava a atormentar as casas de apostas das quais o diretor era dono. Por sua vez, o vereador queria que a imobiliária construísse o novo shopping center no terreno do primo, na parte norte da cidade. Eles se juntaram, fizeram propostas, barganharam, e aos poucos arranjaram a consumação dos respectivos desejos. Como adendo, concordaram em erigir quatro conjuntos de construções geminadas em algum aterro imprestável do distrito extremamente populoso. Aquilo ajudaria a reduzir os previsíveis protestos da comunidade irlandesa por causa da destituição do chefe de polícia; e, uma vez que a cidade se encarregaria dos custos, e o vereador poderia usar a construção para apoiar a própria candidatura a prefeito na eleição seguinte, ela não incomodaria nenhum dos dois homens. Então, em uma sala úmida e repleta de fumaça, a Brewster Place foi concebida.

Ela nasceu três meses depois na legislatura municipal, e, uma vez que sua verdadeira filiação foi ocultada, meia comunidade compareceu ao batismo dois anos depois. Aplaudiram em polvorosa enquanto o vereador sorridente

esmagava uma garrafa de champanhe contra a lateral de um dos prédios. Ele mal podia ser ouvido por cima dos vivas ensurdecedores enquanto lhes dizia, com uma lágrima no canto do olho, que era o mínimo que podia fazer a fim de ajudar a abrir espaço para os rapazes patriotas que estavam retornando da Primeira Guerra.

Os tijolos cinzentos dos prédios eram da cor da prata fosca durante a juventude da Brewster Place. Embora a rua não fosse pavimentada – depois de uma chuva forte era necessário chapinhar com a água na altura dos tornozelos para chegar em casa –, havia uma sensação promissora naquela rua e naquela época. A cidade crescia e prosperava; havia planos para uma nova avenida logo ao norte da rua, e parecia que a Brewster Place ia virar uma parte da artéria principal da cidade.

A avenida virou um distrito comercial importante, mas, para fins de controle de tráfego, algumas das ruas auxiliares tiveram de ser fechadas. Houve uma batalha feroz na legislatura municipal entre os representantes dessas pequenas vias, pois sabiam que estavam brigando pela força vital da comunidade, mas não havia ninguém para brigar pela Brewster Place. O bairro estava agora cheio de pessoas que não tinham qualquer influência política; pessoas de cabelo escuro e pele trigueira – mediterrâneos –, que falavam uns com os outros fazendo sons aveludados e guturais e que trouxeram comidas estranhas para as lojas do bairro. Os moradores mais antigos se incomodavam com os cheiros penetrantes dos queijos fortes e carnes defumadas que agora permeavam as lojas locais. Então veio o muro e a Brewster Place se tornou uma rua sem saída. Não houve multidões nesse batismo, que aconteceu às três da manhã, quando o filho da sra. Colligan, cambaleando bêbado até

em casa e esquecendo-se de que o muro estava ali, arrebeitou o nariz e então se inclinou e vomitou nos novos tijolos.

A Brewster Place tinha menos a oferecer à segunda geração de filhos – os de sua meia-idade –, mas fez o que pôde por eles. A rua foi finalmente pavimentada graças ao programa WPA¹, e uma nova imobiliária recolhia a hipoteca nos prédios. Apartada das atividades centrais da cidade, a rua desenvolveu uma personalidade própria. As pessoas tinham a própria linguagem, a própria música e os próprios códigos. Tinham orgulho do fato de que a loja da sra. Fuelli era a única na cidade que oferecia scungilli e fettucine de espinafre. Mas a sra. Fuelli ficou arrasada quando o filho voltou da guerra e não se estabeleceu na Brewster Place, nem o filho da prima, nem o da vizinha do andar de cima. E havia os filhos que nem sequer voltaram. A Brewster Place ficou de luto com essas mães porque também já havia perdido filhos – para o chamado de uma vida mais confortável e para o temor desses filhos do presente que um dia foram estranhos, mas agora eram tudo o que tinha. A Brewster Place envelheceu com a sra. Fuelli e com os outros que ou se recusavam ou não podiam ir embora.

Um ano antes de a decisão da Suprema Corte no caso Brown vs. Conselho de Educação de Topeka realinhar o país inteiro, a dessegregação chegou à Brewster Place nos ombros roliços de um homem baixinho e de pele parda que fora contratado como zelador e faz-tudo dos prédios. Ele

1 A Works Progress Administration – chamada, a partir de 1939, de Work Projects Administration – foi uma agência estadunidense criada no New Deal com o objetivo de empregar trabalhadores para a realização de obras públicas. [TODAS AS NOTAS SÃO DA TRADUTORA.]

se mudou para o porão do 312 e, quando perguntavam seu nome, ele respondia: “Pode me chamar só de Ben”. E foi conhecido simplesmente como Ben até sua morte. Houve poucos protestos quanto a ele viver no local porque espalharam que era um bom homem de cor² que nunca incomodava ninguém. E quando o senhorio era uma caixa postal em outra cidade, e os radiadores vazavam ou a pia entupia, ou a artrite impedia que você varresse os degraus da frente, era conveniente ter alguém por perto para cuidar dessas coisas, até mesmo esse homem de cabelo esquisito e indícios de bebida rançosa no hálito.

Ben e os mediterrâneos da Brewster Place se acostumaram uns com os outros muito bem à distância. Eles descobriram que, quando eram despertados pelos acordes tristes de Swing Low, Sweet Chariot, Ben estava em uma de suas bebedeiras matinais, e não havia por que lhe pedir que fizesse qualquer coisa naquele dia – ia soltar um “sissiora” para distrair você e simplesmente não ia aparecer. E ele descobriu que, não importava o quanto fosse farta a quantidade de sopa de legumes e de pães de mel com nozes feitos em casa que as velhas senhoras lhe levavam, falando da condição de solteirão dele com cacarejos suaves, sempre seria recebido por olhos frios e desconfiados se batesse na porta delas sem uma chave de fenda ou uma vassoura nas mãos. Como consequência, ninguém nem sequer sabia por que Ben bebia. O mais observador poderia prever o retorno das bebedeiras matinais porque elas sempre ocorriam na manhã seguinte à descida do carteiro até o 312. Se alguém se arriscasse a chegar perto o bastante no outro dia, ouviria Ben resmungando a respeito de uma esposa infiel e de uma

2 No original, *colored man*. Optou-se por preservar o sentido racista do original, que, aqui, remete à fala dos moradores mais antigos da Brewster Place.

filha fracassada, ou era uma esposa fracassada e uma filha infiel? Nunca sabiam dizer qual era qual. E, se tivessem se incomodado em perguntar, ele provavelmente poderia ter lhes dito, mas depois de um tempinho o carteiro parou de descer aqueles degraus; ainda assim Ben bebia.

Ben e sua bebida se tornaram um acessório na Brewster Place, exatamente como o muro. Logo pareceu uma bobagem questionar a existência de qualquer um deles – simplesmente existiam. E foram a primeira visão com que se deparou a terceira geração de filhos da Brewster Place, que foi impelida até a vizinhança e acelerou o êxodo dos mediterrâneos que restavam. A Brewster Place se alegrou com esses filhos “africanos” multicoloridos da sua velhice. Eles trabalhavam tão duro quanto os filhos da sua juventude e eram tão ardorosos e diferentes do restante da cidade nos cheiros, comidas e códigos quanto os filhos da meia-idade. Eles se ligaram à rua com um entendimento desesperado de que, o que quer que fosse este lugar, era melhor do que o clima sulista de inanição do qual haviam fugido. A Brewster Place sabia que, ao contrário dos outros filhos, os poucos que iriam embora para sempre seriam a exceção em vez da regra, uma vez que vieram porque não tinham escolha e iam permanecer pelo mesmo motivo.

A Brewster Place se tornou especialmente apegada a suas filhas negras enquanto se agitavam feito espíritos determinados em meio à decadência, tentando transformá-la em um lar. Braços de noz-moscada se inclinavam em peitoris, pernas nodosas de ébano carregavam compras por lances duplos de escada e mãos de açafrão esticavam roupas molhadas nos varais do quintal dos fundos. A transpiração delas se misturava ao vapor de panelas fumegando com carne de porco defumada e vegetais, que se enroscava nas bordas dos aromas das duchas íntimas de vinagre e da colônia *Evening in Paris* que flutuavam pela rua no lugar onde

se juntavam – aquelas mulheres com as mãos nos quadris, as costas eretas, a barriga arredondada, o traseiro empinado que atiravam a cabeça para trás quando riam e deixavam à mostra dentes fortes e gengivas escuras. Elas xingavam, atormentavam, veneravam e dividiam seus homens. O amor delas as levou a arremessar panos de prato na cozinha de outra pessoa para ajudá-lo a inteirar o aluguel, ou a arremessar soda cáustica quente para ajudá-lo a esquecer daquela piranha atrás do balcão na lojinha de quinquilharias baratas. Eram duras na queda e tinham coração mole, faziam exigências brutais e eram fáceis de agradar, essas mulheres da Brewster Place. Elas chegaram, partiram, cresceram e envelheceram com extraordinária sabedoria. Feito uma fênix de ébano, cada uma tinha, no próprio tempo e na própria estação, uma história.

Mattie Michael

I

O furgão sacolejante veio se arrastando pela Brewster como uma gigantesca lesma verde. Era flanqueado por um táxi irregular que também dirigia respeitosamente pelos trechos de gelo escondidos sob a neve de um dia. Começou a nevar de novo assim que a pequena caravana chegou ao último edifício da quadra.

Os homens da mudança saltaram da parte da frente do furgão e começaram a descarregar a de trás. Mattie pagou ao motorista e saiu do táxi. O ar cinzento e úmido estava tão carregado quanto o suspiro que se alojou no peito farto dela. Os prédios pálidos começavam a desbotar contra a cobertura suave de neve cinzenta e felpuda vinda do céu que escurecia. Os raios moribundos do sol podiam ser sentidos, mais do que vistos, por trás do céu cor de chumbo do entardecer, e a neve começou a aderir às rachaduras do muro que ficava a apenas 2 metros do prédio dela.

Mattie viu que o muro terminava logo acima dos apartamentos do segundo andar, o que significava que ia bloquear a luz do norte para as suas plantas. Todas as belas

plantas que um dia tiveram um alpendre inteiro para elas na casa pela qual dera trinta anos da própria vida para pagar agora iam ter de batalhar pela luz em um peitoril abarrotado. O suspiro virou uma bola de compaixão por aquelas que sabia que iam morrer. Tinha pena delas porque se recusava a ter pena de si mesma e a pensar que também ela ia ter de morrer aqui nessa rua abarrotada, pois simplesmente não havia vida o bastante para fazer tudo de novo.

Alguém estava cozinhando no primeiro andar, e o aroma se infiltrava pela janela embaçada e atravessava o nariz dela. Por um momento, pareceu cana-de-açúcar recém-cortada, e ela inspirou o ar de um jeito apressado e entrecortado para captar o cheiro mais uma vez. Mas ele havia sumido. E, de qualquer forma, não poderia ter sido. Não havia cana-de-açúcar na Brewster. Não, isso foi no Tennessee, num verão que jazia sob os túmulos de 31 anos que só podiam ser reabertos na mente.

Cana-de-açúcar e verão, e o papai e Basil e Butch. E o início – o início da longa e tortuosa jornada dela até a Brewster.

“Oi, menina.”

Um homem vermelho-canela se debruçava na cerca dos Michael, e cacarejava suave para Mattie, que estava no quintal alimentando os pintinhos. Ela o ignorou de propósito e correu os dedos em volta da panela para mexer a papa; então continuou a chamar as galinhaszinhas. Ele ajustou o ritmo do cacarejo ao dela e chamou de novo, um pouco mais alto. “Eu disse: oi, menina.”

“Já te ouvi da primeira vez, Butch Fuller, mas eu te conheço, sabe”, ela disse, sem olhar na direção dele.

A boca larga e com os cantos curvados para cima, que sempre parecia prestes a rebentar num sorriso, abriu-se

toda, e ele correu para a outra extremidade da cerca, fazendo uma mesura exagerada diante dela.

“Bom, desculpa nós pobres crioulos ignorantes, srta. Mattie, dona, ou devo dizer srta. Michael, dona, ou devo dizer srta. Mattie Michael, ou devo dizer senhorita dona, ou devo...” E lhe lançou um olhar por cima dos ombros curvados que era uma imitação perfeita da humildade matreira que usavam com pessoas brancas.

Mattie explodiu numa gargalhada e Butch se endireitou e gargalhou com ela.

“Butch Fuller, você nasceu bobo e vai morrer bobo.”

“Bom, pelo menos o padre vai ter uma coisa boa pra dizer no meu enterro – era coerente, esse homem aqui.”

E eles gargalharam de novo – Butch com franqueza e Mattie com relutância –, pois se deu conta de que havia sido atraída para uma conversa com um homem em relação ao qual o pai a alertara diversas vezes. Esse Butch Fuller é um inútil de um cachorro morto, e nenhuma mulher decente devia ser vista conversando com ele. Mas o riso de Butch era como o limiar de um pôr do sol de abril – translúcido e de tirar o fôlego. Você sabia que não podia durar para sempre, mas ficaria olhando por horas, à espera da oportunidade de vivenciar um mero lampejo dele de novo.

“Agora que passei por tudo isso, espero que me dê o que vim buscar”, ele disse devagar, enquanto a olhava bem nos olhos.

O sangue afluíu para o rosto de Mattie e, justo quando a boca dela despencou para lhe atirar um insulto, ele deslizou os olhos calmamente até o barril na lateral da casa. “Um copo daquela água fresca da chuva.” E sorriu com malícia.

Mattie fechou a boca depressa, e Butch olhou para baixo e sacudiu a poeira dos sapatos, fingindo não notar o constrangimento dela.

“É, um mormaço como o de hoje já basta pra fazer a garganta de um homem simplesmente se enroscar e morrer.” Ele ergueu os olhos de um jeito inocente.

Mattie largou a panela e andou carrancuda até o barril de água da chuva. Butch ficou olhando intencionalmente para os movimentos circulares do traseiro redondo e empinado sob o vestido fininho de verão, e acompanhou a bairinha subindo pelas panturrilhas grossas e escuras quando ela se curvou para extrair a água. Mas, quando ela se virou, ele estava inspecionando de perto um rasgo no macacão.

“Aqui a sua água.” Ela quase a atirou nele. “Não ia conseguir negar nem pr’um cachorro um golinho num dia como hoje; mas, quando terminar de beber, é melhor ir andando pra seja lá qual for o lugar pra onde estava indo quando parou aqui.”

“Deus do céu, vocês mulheres Michael têm as línguas mais afiadas da região, mas acho que ser feito em pedacinhos por uma boca tão linda não é o pior jeito de um homem morrer.” Jogou a cabeça para trás e bebeu a água.

Mattie ficou olhando o movimento da água enquanto passava pela garganta alongada dele, e admirou com relutância os contornos fortes e pardos de seu pescoço e dos braços. Era como se houvesse cintilações de fogo na pele dele, e o sol brincava nos pontos vermelhos de seu corpo. Ele tinha movimentos elegantes e amigáveis, que pareciam dizer: “Estou aqui e não estou reclamando de você, então por que você está?”

“Obrigado, srta. Mattie, dona.” Ele lhe entregou o copo com um sorriso especial que dava a entender uma amizade selada pela piadinha interna que agora compartilhavam.

Mattie entendeu, pegou o copo e devolveu o sorriso dele.

“E já que você perguntou pra onde eu tava indo...”

“Eu não fiz isso.”

Ele continuou como se ela não tivesse falado. “Estou indo pra ribanceira, vou colher umas ervas pra mim. Então planejo dar uma passadinha na plantação de cana-de-açúcar dos Morgan perto do dique. Acabaram de fazer a colheita, e sobraram algumas canas ótimas e bem roliças por lá. Então, se quiser ir junto e pegar algumas, vou ser mais do que obrigado a carregar elas até aqui pra você.”

Mattie quase concordou. Amava melaço de cana e, se encontrasse algumas boas de verdade, poderia cortá-las e cozinhá-las e extrair provavelmente meio litro ou mais de melaço. Mas o pai a mataria se ficasse sabendo que fora vista andando com Butch Fuller.

“Claro, agora, se uma mulher crescida feito você está com medo do que o papaizinho vai dizer...”

Mattie ficou na defensiva, percebendo que ele lera seus pensamentos.

“Não tenho medo de nada, Butch Fuller. E além disso o papai levou a mamãe pra cidade hoje à tarde.”

“Porque, bom, como eu dizia... Uma mulher crescida feito você não tem razão pra ficar com medo do que o papaizinho vai dizer. E quanto àquelas corujas velhas de mente suja lá da colina que podem correr até ele com um monte de mentiras – por que a gente simplesmente não toma a estrada secundária até a plantação de cana? Não tem por que deixar elas terem uma insolação descendo a colina pra contar uma coisa que realmente não tem por que contar pra uma pessoa que nem tá aqui... não é?” A voz dele era tão macia e persuasiva quanto o sorriso.

“É”, ela disse, e então, olhando bem nos olhos dele, acrescentou devagar: “Bom, preciso só entrar em casa e pegar o facão do papai”. Ela esperou até o lampejo de surpresa arregalar os olhos dele de leve e então continuou: “Pra cortar a cana – é claro”.

“É claro.” E o sol de abril se pôs em toda a sua glória.

A estrada secundária até o dique era tortuosa e poeirenta. E o mês de agosto em Rock Vale era um período de calor agudo e seco – “calor insidioso”, como o pessoal dizia. O ar sem qualquer umidade era quase agradável, mas logo a transpiração começava aos poucos a escorrer das axilas e a fazer a roupa grudar nas costas. E o ar quente nos pulmões se expandia até você sentir que ia explodir; então, a fim de aliviá-los, você arfava por uma boca levemente aberta.

Mattie não pensava no calor enquanto andava ao lado de Butch. Eles eram a companhia quase perfeita, porque ele amava falar e ela era uma ouvinte inteligente, sabendo intuitivamente quando interromper com as próprias observações sobre certa pessoa ou lugar. Ele a divertia com narrativas um pouco editadas dos acontecimentos nos bares da cidade – lugares que eram tão estranhos para ela quanto Istambul ou Paris. E ele também a escandalizava com seu conhecimento em primeira mão de quem estava se encontrando com a esposa de quem perto dos trilhos da ferrovia, só algumas horas antes de aparecerem na igreja na manhã de domingo. Butch lhe contou essa fofoca sem julgar ou escarnecer, mas com a mesma aceitação boa-praça que tinha em relação a tudo na vida. E Mattie se viu aprendendo a rir de coisas que seriam consideradas constrangedoramente feias demais até mesmo para serem mencionadas em casa.

Estava tão absorvida por Butch que não viu a parelha de mulas e a carroça se aproximando até estarem quase em cima deles.

“Ah, não, é o sr. Mike, o diácono da nossa igreja”, ela sussurrou para Butch, e se afastou um passo dele e começou a agitar o facão enquanto andava.

A carroça e as mulas foram até onde eles estavam.

“Como vai, Mattie. Como vai, Butch.” E o velho cuspiu um bocado de tabaco mascado pela lateral da carroça.

“Ei, sr. Mike”, Butch gritou.

“Indo cortar cana, sr. Mike”, Mattie acrescentou em voz alta, e agitou uma vez mais o facão para enfatizar suas palavras.

O sr. Mike abriu um sorriso. “Não achei que você estivesse indo pescar bagre com essa faca, menina. Mas você não está pegando o caminho mais longo até o dique?” Ele ficou ali sentado olhando para eles, mastigando o tabaco devagar.

Mattie não conseguiu pensar em nada para dizer e agitou o facão como se a resposta estivesse no arco cada vez maior da lâmina.

“Sol demais na estrada principal”, Butch disse com naturalidade. “E já que preto significa pobre por esses lados – Deus sabe que não aguento ficar mais pobre ainda.”

Butch e o sr. Mike riram, e Mattie tentou não parecer tão arrasada quanto se sentia.

“Menina, para de sacudir esse facão antes que corte uma perna fora”, disse o sr. Mike. “Você tá planejando cozinhar melão de cana?”

“Sim, senhor, sr. Mike.”

“Que bom. Então, se sobrar, leva uma provinha no domingo pra mim. Adoro xarope de cana fresco com meus biscoitos.”

“Claro que levo, sr. Mike.”

Ele bateu com as rédeas e as mulas começaram a se mover. “Lembranças pro seu pai e sua mãe.”

“Sim, senhor.”

“Te vejo na igreja no domingo, Mattie.” Ele gritou por cima do ombro: “Te vejo no dia do Juízo Final, Butch.”

“Ou em algum ponto por aí, sr. Mike.”

O velho deu uma risada e cuspiu pela lateral da carroça de novo.